



e-ISSN 2238-8885

Tempos de pandemia: breves apontamentos sobre sociedade e política no Brasil

Pandemic times: brief notes on society and politics in Brazil

Tiempos de pandemia: breves notas sobre sociedad y política en Brasil

Ronaldo Bernardino Colveroi

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar alguns aspectos sociais e políticos relacionados ao contexto atual no Brasil. Trabalhando questões como sociedade, política e contexto pandêmico, visa-se discutir algumas problemáticas da atualidade relacionadas à realidade extraordinária atual. O trabalho se torna importante pelo diálogo entre teoria e realidade social, numa conversa problematizadora e que visa a reflexão sobre os aspectos sócio-políticos brasileiros atuais. A metodologia utilizada se caracteriza como uma análise teórica, discutindo bibliografias relacionadas ao recorte temático da proposta. Dentre os resultados, foi possível perceber que a polarização política, presente mais fortemente desde 2018, se apresenta também nas interpretações sobre a realidade social afetada pela pandemia. Foi possível observar, também, a realidade social desigual do Brasil sendo desvelada ao longo da pandemia, evidenciando problemáticas pré-pandemia numa amplitude ainda maior. Além disso, a dicotomia políticavem se somandoa conflitosentre interesses econômicos e de saúde pública.

Palavras-chave: Pandemia. Política. Sociedade.

Abstract: This papper has the objetive to analyze some social and political aspects related to the current context in Brazil. Working on issues such as society, politics and the pandemic context, we aim to discuss some current issues related to the extraordinary current reality. The work becomes important due to the dialogue between theory and social reality, in a conversation that aims at reflecting on the current Brazilian socio-political aspects. The methodology used is characterized as a theoretical analysis, discussing bibliographies related to the thematic outline of the proposal. Among the results, it was possible to perceive that the political polarization, present more strongly since 2018, is also present in the interpretations about the social reality affected by the pandemic. It was also possible to observe the unequal social reality of Brazil being unveiled throughout the pandemic, showing pre-pandemic problems in an even greater range. Furthermore, the political dichotomy adds to conflicts between economic and public health interests.

Keywords: Pandemic.Politics. Society.





IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

e-ISSN 2238-8885

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar algunos aspectos sociales y políticos relacionados con el contexto actual en Brasil. Trabajando en temas como la sociedad, la política y el contexto pandémico, el objetivo es discutir algunos temas de actualidad relacionados con la extraordinaria realidad actual. El trabajo adquiere relevancia por el diálogo entre teoría y realidad social, en una conversación que busca reflexionar sobre la actualidad sociopolítica brasileña. La metodología utilizada se caracteriza por ser un análisis teórico, discutiendo bibliografías relacionadas con el tema de la propuesta. Entre los resultados, se pudo notar que la polarización política, presente con más fuerza desde 2018, también está presente en las interpretaciones de la realidad social afectada por la pandemia. También fue posible observar la desigual realidad social de Brasil que se devela a lo largo de la pandemia, evidenciando problemas prepandémicos en mayor medida. Además, la dicotomía política se ha sumado a los conflictos entre los intereses económicos y de salud pública.

Palabras-clave: Pandemia. Política. Sociedad.

Introdução

Não é uma surpresa que, desde 2016, as tensões políticas no brasil vêm tomando cada vez mais fôlego. Da dicotomia *impeachment* versus *golpe* até as ácidas discussões, os ânimos vieram se inflamando.É neste contexto que foi se edificando o contexto do próprio pleito de 2018, e a polarização se instalou como algo que, hoje, parece fazer parte do cotidiano político brasileiro. Em meio a esta espécie de dualidade política estabelecida, há aqueles partidários da ala pró-presidência e aqueles do campo crítico e de resistência ao projeto governamental bolsonarista. Um conflito de discursos políticos acalorados em tempos de *fake news*, memes e pandemia.

Atualmente, em meio ao contexto caótico e complexo de pandemia, parecem haver alguns indicativos de um certo desmembramento da própria dualidade política, resvalando de encontro à própria interpretação sobre a realidade brasileira de pandemia – dicotômica e dupla, assim como as animosidades entre os ditos "bolsominions" e os supostos "comunistas", ou "cloroquiners" e "quarenteners", como anota Joelmir Tavares (2020) em sua matéria sobre o "duelo quarentênico-político" para a Folha de São Paulo. A polarização parece cada vez mais se estabelecer, seja no campo político, seja na batalha ciência versus negacionismo. A crise sanitária mundial também mostrou facetas problemáticas da sociedade brasileira, relacionadas ao próprio abismo socioeconômicono país. O que não é novidade, mas que se





IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

e-ISSN 2238-8885

complexificou com a pandemia e dificulta, ainda mais, as possíveis análises do contexto sócio-político brasileiro atual. Ademais, o embate economia versus saúde pública teve lugar cativo nas discussões, desde a academia até as conversas de bairro.

Em entrevista ao site oficial da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical – SBMT (2020), o professor do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e editor associado do American JournalofPublic Health, Kenneth Rochel de Camargo Jr. diz que quando se tem determinado interesse econômico privilegiando o lucro a curto prazo, de qualquer forma, quando não se pensa em alternativas, acaba desenvolvendo-se um problema. E o mundo político fica à mercê disso, segundo o professor.

Por outro lado, se houver políticas públicas direcionadas"é possível encontrar alternativas que podem, se não evitar, pelo menos mitigar os efeitos econômicos negativos que um processo de distanciamento social traga", aponta. Se isso fosse levado a sério, de acordo com o professor, poderíamos ter condições de retomada da atividade econômica muito mais rapidamente e sem correr o risco do que está acontecendo e aconteceu no Brasil e nos Estados Unidos: abertura e respectiva propagação do vírus novamente. Neste passo, o governo acaba adotando medidas mais "draconianas de fechamento, o que leva a prejuízos maiores", completa.

Dentre uma gama de prejuízos ferozes, segundo dados da Valor Investe, o país registrou 1.452 mortes pela covid-19 nas últimas 24 horasⁱⁱ. Está é a maior marca desde 29 de julho de 2020, chegando ao total de 236.397 óbitos desde o começo da pandemia. É o terceiro maior registro de mortes em 24 horas desde o início do período de pandemia – mesmo com o início gradativodas vacinações por todo o paísⁱⁱⁱ.Em matéria para a CNN Brasil Business, Lígia Tuon e André Jankavskiapontam, dentre outras questões, a aposta do governo federal em poucas vacinas. Até agora, foram adquiridas 260 milhões de unidades da Universidade de Oxford em parceria com a AstraZeneca (sendo que 160 milhões só chegarão no segundo semestre) e 42,5 milhões por meio do CovaxFacility, uma iniciativa da Fundação Bill e Melinda Gates. A compra foi feita, mas a entrega ainda está longe de ocorrer.





IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

e-ISSN 2238-8885

A matéria aponta que, além de ficar refém de poucos laboratórios, a demora na compra dificulta a negociação futura para adquirir mais vacinas. Não houve contrato firmado com as vacinas da Pfizer e da Moderna, por exemplo, e esses mesmos laboratórios já se comprometeram com outras nações. De acordo com a velha lei da oferta e da procura, os preços tendem a subir, completam Tuon e Jankavski. O contexto pede urgência, e quanto mais demoradas as articulações, cada vez mais há novos infectados com o vírus circulando e o nível de imunização da população segue estagnado ou muito lento^{iv}***, numa espécie de "dominó viral em círculo".

Dado tal contexto complexo e demasiado difícil, este artigo busca analisar alguns aspectos sociais e políticos relacionados ao contexto atual no Brasil. Partindo de uma breve contextualização desde questões sobre Estado, até uma discussão sobre capitalismo e pandemia, visa-se discutir algumas problemáticas da atualidade relacionadas ao contexto pandêmico. O trabalho se torna importante pelo diálogo entre teoria e realidade social atual, numa conversa problematizadora e que visa a reflexão sobre o contexto extraordinário de 2020. Metodologicamente, o trabalho se caracteriza enquanto uma análise teórica, estabelecendo diálogo entre bibliografias relacionadas ao tema proposto.

Dentre os resultados da pesquisa, foi possível perceber que a polarização política, presente mais fortemente desde o pleito presidencial de 2018, por exemplo, se apresenta também nas interpretações sobre a realidade social afetada pela pandemia. Num embate levantado por Joelmir Tavares (2020), é possível observar o acirramento da polarização, ligado, inclusive, à batalha negacionismo versus ciência. Desde partidários e não-partidários da cloroquina até aqueles que não acreditam ou não confiam na eficácia das vacinas desenvolvidas para combater a COVID-19. Em tal complexidade, segundo Érika de Moraes (2020), nossas abordagens acadêmicas sobre a pandemia acabam tendo de estabelecer*diálogos interdisciplinares pornecessidade*, sendo fundamental a consideração de aspectos e modos de interpretar de diferentes áreas para tentar dar contadas dinamicamente diárias perguntas emergentes. Além disso, a dicotomia advinda das interpretações antagônicas se soma a conflitos de interesses econômicos e de saúde pública, fazendo com que haja constante atrito e





IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

e-ISSN 2238-8885

tentativas de conciliação entre ambos os pontos, privilegiando o lado econômico. Tal guerra apresenta-se desleal, causando um desamparo em relação aos ditos grupos do *sul global*, onde a lógica do lucro acaba se sobrepondo à própria saúde, segundo Boaventura de Sousa Santos (2020).O contexto sócio-político brasileiro já não era deveras simples de se analisar, e acabou se complexificando ainda mais pelo contexto pandêmico, expondo os nervos e tendões do Brasil frente, possivelmente, à grande crise sanitária de nossa época.

Considerações iniciais: entreSociedade e Ciência Política

José Nilo Tavares evidencia que a ciência moderna, superando tanto a ideologia quanto a pré-ciência, deu os primeiros passos em direção ao conhecimento embasado em dados concretos e metodologicamente analisados a partir dos séculos XVI e XVII. Assumiuse, então, procedimentos lógicos e técnicos inovadores, preocupando-se com a observação sistemática e o rigor demonstrativo. A face relativa ou absoluta, objetiva ou subjetiva do conhecimento de caráter científico tem papel de destaque neste cenário, pois revela a íntima conexão que se estabelece entre ciência e sociedade. Esta questão chama a atenção para a mobilidade do objeto do conhecimento e, inclusive, para uma importante percepção:a vastidão da própria realidade. Acaba eliminando, também, as investidasda ortodoxia e da dogmatização, dois corpos rígidosque estão, muitas vezes, à espreitada ciência v******.

A prática social, nas suas inúmeras teias de inter-relações e interdependências, por si só, basta para comprovar a realidade concreta dos objetos a serem analisados. Estes, todavia, sendo apreendidos em conjunto articulado, metódico e histórico de conhecimentos torna impossível falar da "acientificidade" das ciências sociais enquanto campo de produção de conhecimento conceitual. A interdependência que existe entre as maneiras de viver e de pensar e as estruturas econômicas e sociais, por exemplo, empírica e historicamente comprovadas, tantas vezes, em perspectivas tão diversas, evidenciam relações de causalidade irrefutáveis. Logicamente, essas causalidades não demandam uma tarefa fácil de se empreender, muito menos são passíveis de generalizações, porém, formam o arcabouço do conhecimento que se pretende sobre um dado objeto (COLVERO; LIMA, 2011).Cabe ressaltar, assim como faz Azambuja, que:





IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

e-ISSN 2238-8885

No mundo moderno, o homem, desde que nasce e durante toda a existência, faz parte, simultaneamente ou sucessivamente, de diversas instituições ou sociedades, formadas por indivíduos ligados pelo parentesco, por interesses materiais ou por objetos espirituais [...] (AZAMBUJA, 2005, p. 1).

O conjunto desses grupos ou instituições forma a Sociedade, seja de uma cidade, de um país ou do mundo inteiro. Porém, com uma abrangência determinada por inúmeras variantes, há outro tipo de sociedade que envolve os indivíduos: "a *sociedade política*, o próprio *Estado*" (LIRA, 2011, p. 1018). Assim sendo, e lembrando José Nilo Tavares, o fenômeno político, por sua vez, como fenômeno social, não pode ser analisado à parte de uma ciência do social. A sociedade é uma totalidade histórica, una, indivisível, concreta. Os elementos ou os níveis que a compõem – econômico, político, social, por exemplo - não têm existência autônoma. São partes de um todo e só enraizados nesse todo podem ser cientificamente explicados, explicitando-se sua autonomia e a posição que ocupam numa relação de causalidade vi********

Quando tratamos de Ciência Política no Brasil, especificamente, nota-se a relação com o próprio desenvolvimento das ciências sociais no país. Em termos de gênese, a década de 30marca os primeiros cursos denominados de Ciências Sociais – ressaltando que a delimitação contemporânea de tais ciências, circunscritas à Antropologia, Ciência Política e Sociologia, é relativamente recente.O processo de autonomização disciplinar da ciência política noBrasil se deu a partir de um grupo de pensadores em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro.A fisionomiaque o perfil da disciplina assumiu a partir de fins da década de 1960 é tributária das iniciativas dessa geração.E os influxosinternacionais estimulados pela Fundação Ford foram marcos fundamental para tal empreitada. Neste passo, a disciplina se autonomizara, gradativamente, no Brasil por meio de um grau crescente de especialização (OLIVEIRA, 2021, et al, p. 3; KEINERT; SILVA, 2010, p. 79)

É a partir da década de 1960 que podemos tratar de uma constituição da ciência política como disciplina acadêmica. No recorte entre 1960 e 1970 as ciências sociais alcançam o seu estabelecimento, com a ampliação e profissionalização da comunidade de





IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

e-ISSN 2238-8885

cientistas sociais. Desde fatores como a estruturação de agências de fomento até o sistema de pós-graduação nos anos 60 e os investimentos da Fundação Ford, foi constituindo-se um terreno para o estabelecimento da Ciência Política (OLIVEIRA, 2021, p. 5-11).

Já como disciplina acadêmica estabelecida, um dos desafios, segundo Miriam de Oliveira Santos, no próprio campo de atuação, é a necessidade de ressaltar e reconhecer que o econômico não pode explicar absolutamente tudo. É preciso novos modelos, novos métodos, novos paradigmas, novos marcos teóricos para poder dar conta das questões. E tais marcos teóricos podem e devem ser buscados dentro e fora da política (SANTOS, 2003). Além de tais marcos, parece ser fundamental, atualmente, uma leitura da realidade que não encaixe abruptamente teorias nos contextos sociais.O diálogo, considerando as realidades, com tais marcos teóricos interdisciplinares se faz quase uma necessidade.Os próprios intelectuais, segundo Boaventura de Sousa Santos, devem "aceitar-secomo intelectuais de retaguarda, devem estar atentos às necessidades e às aspirações dos cidadãos comuns e saber partir delas para teorizar" (2020, p. 14).Além disso, a própria democracia se vê alvejada:

[...] como as democracias estão cada vez mais vulneráveis às fake news, teremos de imaginar soluções democráticas assentes na democracia participativa no nível dos bairros e das comunidades e na educação cívica orientada para a solidariedade e a cooperação, não para o empreendedorismo e a competitividade a todo custo (SOUSA SANTOS, 2020, p. 7).

O momento complexo que vivemos exige uma abordagem interdisciplinar, naqual a interpretação dos fenômenos pela via dos discursos a eles atrelados pode serdecisiva, de acordo com Érika de Moraes (2020, p. 78). E mesmo não sendo a única chave de leitura possível, desconsiderar o econômico não parece de todo acertado. Eis uma das indagações mais relevantes, teórica e metodologicamente, hoje: como analisar os meandros sóciopolíticos do contexto pandêmico brasileiro atual. Além disso, há um enfrentamento bastante necessário: contra o negacionismo científico, a banalização do conhecimento e, simultaneamente, em defesa da democracia.

Após algumas considerações introdutórias, os próximos parágrafos se dedicarão a discutir Sociedade, Política e Pandemia no contexto brasileiro atual. Parte-se desde um HISTÓRIA DEBATES E TENDÊNCIAS

PASSO FUNDO, V. 22, N. 1, P. 94 - 112, JAN/ABR 2022 DOI 10.5335/hdtv.22n.1.12344





IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

e-ISSN 2238-8885

contextoaltamente globalizado ágil, passando pelas mazelas que se mostraram ainda mais sensíveis na pandemia, até o encontro da dicotomia de interesses econômicos e de saúde pública. Por fim, faz parte da discussão a polarização política e sua relação com a própria dualidade em relação às interpretações sobre a realidade atual de pandemia no Brasil.

Sociedade, Política e Pandemia:problemáticas em tempos novos no Brasil

Em meio ao contexto de pandemia, evidenciou-se o abismo socialentre-camadas em solo brasileiro, numa aparente dicotomia entre os sujeitos que tem a possibilidade de homeoffice e aqueles que não podem,em função da natureza de seus trabalhos. Estes últimos acabam se expondo, e com as oportunidades de trabalho escassas, o descompasso econômico e a dicotomia saúde pública/economia, o cenário se torna ainda mais complexo em meio à crise sanitária mundial. Os problemas surgidos e apresentados pela própria sociedade moderna (FILHO, 2006) acabam legando ao indivíduo um papel, muitas vezes, secundário em relação às grandes corporações e aos interesses, especialmente econômicos, no mundo atual. E tal fricção se apresenta, também, em meio à pandemia.

Na nova realidade social, e num mundo cada vez mais ágil, é notório que os próprios direitos de ir e vir ficaram condicionados. O isolamento social contribui, ainda mais, para a confusão dos espíritos e da interpretação da realidade. O caráter extraordinário da pandemia, em um aspecto, levantou ainda mais o caráter dualista dos discursos. De um lado, por exemplo, aqueles que minimizam os danos causados pela crise sanitária, não abrindo mão de direitos sociais como liberdade de ir e vir, corroborando com uma espécie de negacionismo. De outro, aqueles que fazem a tentativa de condicionamento do ir e vir e de valorização de medidas de proteção, pautadas em procedimentos científicos e análise de dados em relação aos danos da pandemia. Além de um dualismo político, os próprios discursos em relação à análise da realidade social atual parecem apresentar o mesmo caráter polarizado, muitas vezes. Atualmente, há a presença tanto de uma polarização política fortificada desde 2018, quanto dos discursos e interpretações muitas vezes dualísticos em relação à pandemia. Geralmente, numa dicotomia entre saúde pública com medidas de isolamento contrao funcionamento da economia a todo custo e a lógica do lucro.





IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

e-ISSN 2238-8885

Desde os quilombolas às populações ribeirinhas, nenhuma política estatal foi mais longe no território brasileiro que o SUS, segundo Ronaldo Teodoro dos Santos (2020). O controle social da saúde, presente em 5.417 municípios brasileiros, vem contribuindo para a transformação do desenvolvimento regional, reduzindo desigualdades e dinamizando a economia. Mas, mesmo com o reconhecimento desses méritos, segundo o autor, não se pode a dizer que a saúde como "direito de todos e dever do Estado" tenha se firmado como fato no plano nacional. Talvez, "isso seja mesmo por não ter conseguido aglutinar em torno de si uma base estável de movimentos sociais e, menos ainda, fazer-se núcleo orgânico do programa político dos partidos democráticos e populares do país" (SANTOS, 2020, p. 3).

Ainda de acordo com o autor, as realizações do SUS, mundialmente reconhecidas, sempre tiveram um déficit de reconhecimento do seu valor em território brasileiro. A preocupação com a saúde, durante anos, constando como problema principal para os brasileiros, desagua no desejo de consumo dos seguros de saúde. Com os impactos sociais da própria pandemia, tal preocupação tem o efeito inverso de colocar o SUS no primeiro plano das esperanças nacionais (SANTOS, 2020). Ao passo que o contexto extraordinário se apresenta, o SUS se configura como farol, num mar social revolto e tempestuoso. E sobre a discussão entre saúde a partir de iniciativa privada ou de caráter predominantemente estatal, Ronaldo Teorodoro dos Santos é assertivo:

Considerando as últimas três décadas, possui inegável ineditismo o fato de que o agravamento diário das condições de resposta do SUS à pandemia não convertam o setor privado em seu substituto desejável. Diferentemente da conjuntura prépandemia, o drama crescente da estrutura da assistência pública, expressos desde a ausência de leitos UTI às condições precarizadas do trabalho heroico dos seus





IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

e-ISSN 2238-8885

servidores, expõe ainda mais ao debate público os fundamentos dogmáticos da política de austeridade fiscal. Nesse sentido, as necessidades da saúde pública, e do SUS por derivação, se voltam como ativo político contrário ao pacto liberal conservador que sustenta a coalizão política que governa o país desde 2016 (SANTOS, 2020).

Considerar as fissuras no *ethos*neoliberal não significa diminuir o entendimento de que o tempo continua ditado pelo seu ritmo, segundo Ronaldo Teodoro dos Santos (2020). A dicotomia entre a vida e a economia colocada pelo presidente Bolsonaro não deixa mesmo de ser a explicitação correta dos fundamentos do neoliberalismo que ainda se colocam na proa da conjuntura, segundo o autor. Sob a repulsa internacional e de costas para a maioria dos brasileiros, Bolsonaro seguiu, pelo menos nos meses de março e abril de 2020, tendo a morte como cálculo político e econômico, insistindo para que milhares de trabalhadores retomassem suas rotinas de trabalho. A busca pela reprodução do lucro segundo o autor, tendo a vida sob ameaça constante tornam ainda mais explícita a dinâmica das desigualdades no Brasil. O que se tem de diferente, hoje, segundo o autor, é que a exclusão, cotidianamente vivenciada por milhões de brasileiros, ganhou uma dimensão nova ao transcender o custo econômico e tornar-se um problema de saúde pública (SANTOS, 2020). De acordo com Boaventura de Sousa Santos:

A pandemia é uma alegoria. O sentido literal da pandemia do coronavírus é o medo caótico generalizado e a morte sem fronteiras causados por um inimigo invisível. Mas o que ela exprime vai muito além disso. Eis alguns dos sentidos que nela se manifestam. O invisível todo-poderoso tanto pode ser o infinitamente grande (o deus das religiões do livro) como o infinitamente pequeno (o vírus). Em tempos recentes, emergiu outro ser invisível todo-poderoso, nem grande nem pequeno, porque disforme: os mercados. Tal como o vírus, é insidioso e imprevisível em suas mutações e, tal como deus (Santíssima Trindade, encarnações), é uno e múltiplo. Exprime-se no plural, mas é singular. Ao contrário de deus, "os mercados", é onipresente neste mundo e não no mundo do além e, ao contrário do vírus, é uma bendição para os poderosos e uma maldição para todos os outros (a esmagadora maioria dos humanos e a totalidade da vida não humana). Apesar de onipresentes, todos estes seres invisíveis têm espaços específicos de acolhimento: o vírus, nos corpos; deus, nos templos; os mercados, nas bolsas de valores. Fora desses espaços, o ser humano é um ser sem-teto transcendental. (SOUSA SANTOS, 2020, p. 9-10).

Na revelação daquilo por detrás da cortina, Sousa Santos aponta a força dos mercados em detrimento de uma vulnerabilidade daqueles que não tem como comungar dos HISTÓRIA DEBATES E TENDÊNCIAS

PASSO FUNDO, V. 22, N. 1, P. 94 - 112, JAN/ABR 2022 DOI 10.5335/hdtv.22n.1.12344





IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

e-ISSN 2238-8885

beneficios do "ser invisível todo poderoso". A dicotomia entre economia versus saúde pública apresenta-se desleal, fazendo com que o sentimento de desamparo seja uma realidade dada em relação aos grupos do sul, vulneráveis, a gente de a pé, como coloca o autor. Neste contexto caótico, de acordo com Rômulo Paes (2020), da Fiocruz Minas, é possível observardéficits históricos dos sistemas de saúde, agravados por recentes políticas de austeridade fiscal, redução do investimento público em pesquisa e desenvolvimento, enfraquecimento das instâncias de governança globais e regionais, confiança reduzida entre os países, e entre níveis diversos de governo no interior dos países. A maioria destes fenômenos, segundo o autor, estão no domínio da política, mas todos têm grande impacto sobre a própria atividade científica. Sem saem melhor os que conseguiram mobilizar as capacidades existentes, através de uma liderança política efetiva. Têm fracassado os que vem insistindo na falsificação da gravidade do quadro, fazendo promessas irrealizáveis, promovendo um certo misticismo da imunidade e da cura. Este quadro, segundo Paes, permite que os serviços de saúde se esgotem ao ponto de se produzir um excedente de mortes pela Covid-19 e pelas emergências não atendidas provocadas até mesmo por outras doenças (PAES, 2020). Entre a relação ciência e política, adverte:

No Brasil, carecemos de um acerto maior entre a política e a ciência. Como consequência, fomos derrotados no combate à 1ª onda da pandemia. Pelo lado da ciência, observamos um grande engajamento da comunidade cientifica na produção de conhecimento e no esforço sincero de mitigação da pandemia e de fortalecimento do cuidado das populações afetadas. Já no âmbito político, observamos a soma de muitos defeitos contemporâneos, que desenharam o desastre do momento. A aversão à política, aos partidos e às instâncias políticas; a ausência de planejamento, coordenação e senso de responsabilidade pública; a desinstitucionalização como projeto e a desinformação como método. Tudo isto nos coloca frente a uma encruzilhada. Estamos há muito tempo em um isolamento social mal executado, mas poucos municípios possuem condições de passar a flexibilização com alguma segurança (PAES, 2020, s. p.).

Já com quase um ano de isolamento social e medidas restritivas, Joelmir Tavares já apontava, em matéria na Folha de São Paulo, o surgimento uma espécie de guerra durante a pandemia: um conflito áspero entre "cloroquiners" e "quarenteners", reinventando – ou estendendo – a própria polarização política. Os partidários da cloroquina são aqueles que





IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

e-ISSN 2238-8885

estão fechados com o presidente Jair Bolsonaro. Nesta ala política, se encontram, geralmente, partidários mais à direita e conservadores. No outro grupo, que defende aguerridamente o isolamento social, estão aqueles próximos à esquerda e contrários ao modo de governo do chefe do Executivo. Na dicotomia entre economia e vidas humanas, a parcela dos "quarenteners" entende que esta últimaé a alternativa soberana (TAVARES, 2020). Em entrevista com um cientista político e um professor universitário, Tavares traz seus respectivos diagnósticos:

"A polarização tem sido uma constante no Brasil desde o impeachment de Dilma Rousseff", analisa o cientista político Ricardo Ceneviva. "Bolsonaro não buscou apaziguar o país e, agora, foi quem iniciou a politização do coronavírus"[...]Para o professor da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), o presidente deu verniz político-eleitoral a "uma questão que é eminentemente de saúde, técnica" ao comprar briga com governadores e com seu ministro. "Isso é perigoso. Essa animosidade que se desdobrou até chegar à população não ajuda o país a se unir e enfrentar o problema", afirma(TAVARES, 2020, s.p.).

No bojo desta discussão, Rômulo Paes alerta que precisamos, também, rapidamente dar curso a um país que, se não está à deriva, lutou de forma desorganizada contra a primeira onda da pandemia, por exemplo. É preciso encontrar um momento de maior e contínua articulação entre os vários níveis da administração pública. Se faz necessário que se adote parâmetros racionais para definir os tipos e estágios de isolamento a ser adotados. É preciso que se vá além da retórica vazia, de invocar a ciência como medida de certeza, quando não se dispõe de indicadores confiáveis, vigilância epidemiológica organizada e retaguarda apropriada dos serviços de saúdem segundo o autor. Em uma crítica à esfera do poder político, coloca a necessidade de que os"atores políticos fundamentais busquem a conciliação com a ciência, para que a ciência possa ajuda-los fazer o que é por dever a sua parte" (PAES, 2020, s.p.).

Já com o desenvolvimento de vacinas pelo mundo, o panorama brasileiro é considerado descompassado: pela falta de planejamento para adquirir as vacinas, pela dificuldade logística e por problemas diplomáticos recentes. De acordo com Lígia Tuon e André Jankavski, em matéria para a CNN, a falta de planejamento é, de longe, o motivo mais





IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

e-ISSN 2238-8885

apontado por especialistas como o centro dos problemas e das preocupações como a distribuição e aquisição das vacinas. Segundo os autores, tal falta de estratégia pode atrasar, e muito, o processo de vacinação no país, desde a aquisição ao transporte e imunização da população.

"É preocupante que só agora as vacinas estejam sendo adquiridas e importadas. Esse planejamento tinha que ter sido elaborado a muitos meses, como outros países fizeram. Ainda mais se tratando de um vírus cujo comportamento vem sendo estudado ao longo do ano todo", diz Cesar Meireles, diretor presidente da Associação Brasileira de Operadores Logísticos (Abol).

"Tudo isso faz parte de um contexto muito maior do que o transporte propriamente dito. Se estamos tendo falhas de logística, é porque há falhas de planejamento estratégico", diz Marcus Quintella, diretor da FGV Transportes. (TUON; JANKAVSKI, 2021, s.p.).

Não bastasse a questão de planejamento, a logística também foi prejudicada. "Os operadores logísticos trabalham com base no plano que recebem do poder público. Mas o plano só chegou agora e ele não é pleno, está sendo questionado", diz Cesar Meireles, da Abol. Segundo Tuon e Jankavski, mesmo se o Brasil adquirir as vacinas da Pfizer e da Moderna, o problema aumenta: elas precisam ser transportadas em temperaturas baixíssimas, o que deve ser lidado pela logística brasileira. E essa é a grande preocupação de Tim Robertson, CEO das Américas da DHL Global Forwarding, uma das maiores empresas logísticas do mundo. Segundo ele, as vacinas não terão problema nenhum na viagem até o aeroporto – depois de lá, no entanto, começam os desafios.

Dentre os problemas diplomáticos,hoje, o Brasil depende, principalmente, de dois países: China e Índia. Os dois países são os principais produtores de vacina do mundo, já que possuem as duas maiores populações do planeta. Entretanto, as falas do presidente Jair Bolsonaro contra a vacina chinesa, além das acusações de que o novo coronavírus seria um "vírus chinês", não ajudaram na questão diplomática, levantam Tuone Jankavski. "A diplomacia cometeu erros primários e fez o Brasil ficar isolado", diz Cláudio Frischtak, fundador da consultoria internacional de negócios Inter.B. O próprio Boaventura de Sousa Santos já advertia ser irresponsável que os meios oficiais falassem em um "coronavírus





IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

e-ISSN 2238-8885

chinês" (SOUSA SANTOS, 2020, p. 7). Além disto, segundo os últimos dados da missão da OMS na China, ainda não se pode cravar uma origem para o vírus viii**********.O panorama problemático vai desde a diplomacia até o planejamento estratégico e logística, o que dificulta, ainda mais, uma perspectiva futura de imunização e minimização do contágio no Brasil. E, consequentemente, os mais afetados continuam em situação de vulnerabilidade.Em se tratando de futuro, Boaventura faz alguns diagnósticos^{ix}.

A pandemia e a quarentena revelaram, segundo Sousa Santos (2020), a possibilidade de alternativas, pois as sociedades, como visto, se adaptam a novos modos de viver quando é necessário e sentido como um bem comum. Isto torna propicio o pensamento voltado a alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver. Não havendo alternativa, não será possível evitar novas pandemias. Ideias não faltarão, provavelmente. O autor questiona, entretanto: mas poderão tais ideias conduzir a uma ação política que as concretize? O regresso à "normalidade", pós-pandemia, não será igualmente fácil para todos. Estarão os empregos e os salários à espera e à disposição? Quando se recuperarão os atrasos na educação e nas carreiras? Pensar-se-á que essa nova normalidade foi a de que conduziu à pandemia e conduzirá a outras no futuro? O futuro não será diferente, e o "novo" normal se caracterizará apenas como um reajuste para uma nova conformação, aceitação por parte da população, se não houver ações políticas concretas. Não se edifica a mudança sem ação. Mudança tão falada e comentada nos meios de comunicação em suas "previsões" sobre o pós-pandemia – que parece estar longe de chegar. A nova articulação, conclui Sousa Santos, pressupões uma viragem epistemológica, cultural e ideológica que sustente as soluções políticas, econômicas e sociais que garantam a continuidade da vida humana digna no planeta. Em meio a uma pandemia que parece não estar perto do fim, planejamento, responsabilidade, segurança e principalmente urgência parecem ser algumas das palavras-ações mais importantes e necessárias no contexto do hoje, social e politicamente.

Considerações finais

Chegando ao final deste artigo, alguns pontos acabam se destacando, dentre vários.

Num primeiro momento, em termos de como analisar o contexto sócio-político brasileiro em

HISTÓRIA DEBATES E TENDÊNCIAS

PASSO FUNDO, V. 22, N. 1, P. 94 - 112, JAN/ABR 2022

DOI 10.5335/hdtv.22n.1.12344





IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

e-ISSN 2238-8885

meio à pandemia, Érika de Moraes (2020) expõe o que parece uma *interdisciplinaridade por necessidade*. Isto significa, em um primeiro momento, o rompimento unicamente disciplinar ao tentarmos interpretar uma realidade ou realidades, atualmente, no Brasil. O intercâmbio de marcos teóricos e metodologias acab se tornando necessário, diante a um contexto absolutamente novo e com uma dinâmica extremamente ágil. Neste caso, ao tratarmos, por exemplo, dentro da Ciência Política, sobre como analisar estarealidade extraordinária, precisamos manter um diálogo entre as disciplinas, teórica e metodologicamente.

Um segundo ponto a se considerar, talvez seja o da dualidade. Com a polarização dos últimos anos, estabeleceu-se quase uma configuração gladiadoresca na arena política brasileira. E tal dicotomia também foi sentida na pandemia, como aborda Joelmir Tavares(2020) no atrito entre *cloroquiners e quarenteners*. Na inseparável proximidade entre sociedade e poítica, pudemos ver uma espécie de estabelecimento da dualidade em termos, também, de leitura da realidade sobre a gravidade da pandemia, considerando negacionismo versus conhecimento científico, e mesmo sobre a própria vacina, numa corrente de desconfiança. De uma polarização política, somou-se uma dualidade de interpretações da realidade extraordinária e manteve-se uma lógica dual também em termos de discurso.

Neste contexto, numa questão igualmente importante, está a problemática levantada por Boaventura de Sousa Santos sobre o sul global e a gente de a pé. A possibilidade de escolha por ficar em casa se mostrou uma espécie de privilégio durante a pandemia, evidenciando a luta por sobrevivência à base de riscos. Trabalhadores que não tiveram e não tem a possibilidade de home office, assim como grupos vulneráveis como trabalhadores autônomos, da rua, sem-teto ou moradores de periferias pobres, se expuseram, revelando uma das cruéis realidades do vírus. Além disso, a pandemia e o isolamento revelaram, segundo Sousa Santos (2020), a possibilidade de alternativas, pois as sociedades, como visto, se adaptam a novos modos de viver quando é necessário e sentido como um bem comum. Isto torna propicio o pensamento voltado a alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver, segundo o autor. Entretanto, ressalta que não há mudança sem ações concretas, ou ficaremos reféns do discurso vazio e da falta de aprendizado com nossas





IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

e-ISSN 2238-8885

próprias falhas. O aprendizado a partir de uma realidade dificílima e as ações organizadas a partir de tal pedagogia parecem ser um caminho para evitar, futuramente, a imensidão de danos como os do último ano e repensar o modo como configuramo-nos enquanto sociedade.

Referências

AZAMBUJA, Darcy. Teoria Geral do Estado. 44. ed. São Paulo: Globo, 2005.

COLVERO, Ronaldo Bernardino; LIMA, Juliana. Macedo de. Análise da construção partidária no Brasil. In: I Seminário Internacional de Ciências Sociais - Ciência Política da UNIPAMPA - Buscado o Sul, 2011, São Borja. *Anais do I Seminário Internacional de Ciências Sociais - Ciência Política da UNIPAMPA - Buscado o Sul*. São Borja, 2011.

Coronavírus hoje: Brasil registra maior média de mortes desde julho e Pazuello diz que toda a população será vacinada até o fim do ano. Valor Investe. 12 fev. 2021. Brasil e Política. Disponível em: https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e politica/noticia/2021/02/12/coronavirus-hoje-brasil-registra-maior-media-de-mortes desdejulho-e-pazuello-diz-que-toda-a-população-sera-vacinada-ate-o-fim-do ano.ghtml. Acesso em 15 fev. 2021.

Difícil equilíbrio entre ciência, economia e política em tempos de pandemia. SBMT-Sociedade Brasileira de Medicina Tropical. 10 ago. 2020. Disponível em: https://www.sbmt.org.br/portal/dificil-equilibrio-entre-ciencia-economia-e-politica-em-tempos-de-pandemia/. Acesso em: 13 fev. 2021.

FILHO, Lourenço Munhoz. Possibilidades e limites da ação ético-normativa do estado contemporâneo. In: XV Encontro Preparatório do CONPEDI/UNICAP, 2006, Recife. *Anais XV Encontro Preparatório do CONPEDI/UNICAP*. Recife, 2006.

KENERT, Fábio Cardoso; SILVA, Dimitri Pinheiro. A gênese da ciência política brasileira. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 22, n. 1, jun. 2010, p. 79-98.

LIRA, José Carlos Batista de. Comunistas em Pernambuco: Palmares e o golpe civil militar de 1964. In: *V Colóquio de História - Perspectivas históricas:* historiografia, pesquisa e patrimônio. Recife: UNICAP, 2011.

Missão da OMS na China não confirma origem do Covid-19. Istoé Dinheiro. 16 fev. 2021. Disponível em: https://www.istoedinheiro.com.br/missao-da-oms-na-china-nao-confirma-origem-do-covid-19/. Acesso em 19 fev. 2021.





e-ISSN 2238-8885

MORAES, Érika de. COVID-19 e a epidemia da polarização. *Revista Linguasagem*, São Carlos, v. 35, Dossiê Discurso em tempos de pandemia, set. 2020, p. 77-97. Disponível em: http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/761/444. Acesso em: 19 fev. 2021.

OLIVEIRA, Amurabi et al. A trajetória da Ciência Política no Brasil e a sua autonomização: uma análise a partir dos programas de pós-graduação. *Pro-Posições*, Campinas, v. 32, 2021, p. 1-25.

PAES, Rômulo. *Ciência e Política em tempos de pandemia*. Instituto René Rachou – Fiocruz Minas. Disponível em: http://www.cpqrr.fiocruz.br/pg/ciencia-epolitica-em-tempos-de-pandemia/. Acesso em: 11 fev. 2021.

RESENDE, Leandro. *Vacinação no Brasil vai acabar em 2024 mantendo o ritmo atual, segundo a Fiocruz.* CNN Brasil. 12 fev. 2021. Saúde. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/02/12/vacinacao-no-brasil-vai-acabar-em-2024-mantendo-o-ritmo-atual-segundo-a-fiocruz. Acesso em: 17 fev. 2021.

SANTOS, Miriam de Oliveira. *Novas Formas de Ver o Político*: O Paradigma Subjetivo. Achegas.net, Rio de Janeiro, v. 10, 2003. Disponível em: http://www.achegas.net/numero/dez/miriam_oliveira%20_santos_10.htm>. Acesso em: 10 fev. 2021.

SANTOS, Ronaldo Teodoro dos. O Neoliberalismo como linguagem política da pandemia: a Saúde Coletiva e a resposta aos impactos sociais. *Physis:* Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, 2020.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *A cruel pedagogia do vírus*. 1. ed. Coleção Pandemia Capital. São Paulo: Boitempo, 2020.

TAVARES, Joelmir. *Guerra entre "cloroquiners" e "quarenteners" reinventa polarização na pandemia*. Folha de São Paulo, São Paulo, 16 abr. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/guerra-entre-cloroquiners-e-quarenteners-reinventa-polarizacao-na-pandemia.shtml>. Acesso em: 10 fev. 2021.

TAVARES, José Nilo. *A viabilidade da Ciência Política*. (Texto eletrônico). Disponível em: http://www.achegas.net/numero/nove/jose tavares 09.htm>. Acesso em: 10 fev. 2021.

TUON, Lígia; JANKAVSKI, André. *5 falhas que prejudicaram a distribuição (e o custo) da vacina contra a Covid-19.* CNN Brasil. 22 jan. 2021. Business. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/business/2021/01/22/5-falhas-que-prejudicaram-a-distribuicao-da-vacina-covid-19. Acesso em: 15 fev. 2021.





IECH - Instituto de

e-ISSN 2238-8885

Recebido: 11/03/2021 Aceito: 20/08/2021 Publicado: 18/02/2022

Notas

¹ Professor nos cursos de Ciências Sociais - Ciência Política e Ciências Humanas – Licenciatura na Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, campus São Borja. Atualmente, é professor da Pós-Graduação em Políticas Públicas na mesma instituição,e da Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. ORCID: 0000-0003-2958-8656.E-mail: ronaldocolvero@unipampa.edu.br.

ii Dados de 12 de fevereiro de 2021. Fonte: Coronavírus hoje: Brasil registra maior média de mortes desde julho e Pazuello diz que toda a população será vacinada até o fim do ano. Valor Investe. 12 fev. 2021. Brasil e Política. Disponível em: https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-epolitica/noticia/2021/02/12/coronavirus-hoje-brasil-registra-maior-media-de-mortes-desde-julho-e-pazuello-dizque-toda-a-população-sera-vacinada-ate-o-fim-do-ano.ghtml. Acesso em 15 fev. 2021.

iii A campanha brasileira de vacinação contra a Covid-19 começou oficialmente na segunda-feira (18 de janeiro de 2021), um dia depois de a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) autorizar o uso de um lote específico de 8 milhões de doses das vacinas Coronavac — produzida pelo Instituto Butantan em parceria com a farmacêutica chinesa Sinovac — e a britânica Oxford, do laboratório anglo-sueco AstraZeneca. Fonte: TUON. Lígia; JANKAVSKI, André. 5 falhas que prejudicaram a distribuição (e o custo) da vacina contra a Covid-19. CNN Brasil. 22 jan. 2021. Business. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/business/2021/01/22/5falhas-que-prejudicaram-a-distribuicao-da-vacina-contra-a-covid-19. Acesso em: 15 fev. 2021.

iv Segundo dados da Fiocruz, vacinação terminará somente em 2024, se seguir o ritmo das últimas semanas. Ver mais em: RESENDE, Leandro, Vacinação no Brasil vai acabar em 2024 mantendo o ritmo atual, segundo a **CNN** 12 fev. 2021. Saúde. Disponível Fiocruz. Brasil https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/02/12/vacinacao-no-brasil-vai-acabar-em-2024-mantendo-o-ritmoatual-segundo-a-fiocruz. Acesso em: 17 fev. 2021.

Ver mais em: TAVARES, José Nilo. A viabilidade da ciência política. Texto online. Disponível em: http://www.achegas.net/numero/nove/jose tavares 09.htm. Acesso em: 10 fev. 2021.

vi Ver mais em: TAVARES, José Nilo. A viabilidade da ciência política. Texto online. Disponível em: http://www.achegas.net/numero/nove/jose tavares 09.htm. Acesso em: 10 fev. 2021.

vii Dentre tais grupos, se encontram desde as mulheres, os trabalhadores autônomos, da rua, os sem-teto ou as populações de rua, os moradores de periferias pobres das cidades, até os internados em campos para refugiados. os imigrantes indocumentados ou as populações deslocadas internamente, além das pessoas com deficiência e dos idosos. Ver mais em: SOUSA SANTOS, Boaventura de. A cruel pedagogia do vírus, 1. ed. Coleção Pandemia Capital. São Paulo: Boitempo, 2020.

viii Ver mais em: Missão da OMS na China não confirma origem do Covid-19. Istoé Dinheiro. 16 fev. 2021. Disponível em:https://www.istoedinheiro.com.br/missao-da-oms-na-china-nao-confirma-origem-do-covid-19/. Acesso em 19 fev. 2021.

ix Os três princípios da regulação das sociedades modernas são o Estado, o mercado e a comunidade. Nos últimos quarenta anos, foi dada prioridade absoluta ao princípio do mercado em detrimento do Estado e da comunidade. A privatização de bens sociais coletivos, como a saúde, a educação, a água canalizada, a eletricidade, os serviços de correios e telecomunicações e a segurança social, foram apenas a manifestação mais visível da prioridade dada à mercantilização da vida coletiva [...] As pandemias mostram de maneira cruel como o capitalismo neoliberal incapacitou o Estado para responder às emergências. As respostas que os Estados estão





PPGH

Programa de Pós-Graduação em História

IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

e-ISSN 2238-8885

dando à crise variam de um para outro, mas nenhum pode disfarçar sua incapacidade, sua falta de previsibilidade em relação a emergências que têm sido anunciadas como de ocorrência próxima e muito previsível. SOUSA SANTOS, Boaventura de. *A cruel pedagogia do vírus*. 1. ed. Coleção Pandemia Capital. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 28-29.